

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: NARRAR E DISCUTIR – OS ROMANCES INDIANISTAS DE JOSÉ DE ALENCAR . . . . .	9
<i>Márcia Abreu</i>	
1. PALAVRAS INICIAIS: A DUPLA NARRATIVA EM JOSÉ DE ALENCAR . . . . .	13
2. O INDIANISMO DE ALENCAR E SUAS POLÊMICAS . . . . .	27
3. REFLEXOS E REFLEXÕES: OS PARÂMETROS CRÍTICOS NOS PREFÁCIOS E POSFÁCIOS DE ALENCAR . . . . .	51
4. AO PÉ DA PÁGINA: A CORRESPONDÊNCIA ENTRE “VERACIDADE” E “VEROSSIMILHANÇA” NA CONSTRUÇÃO DA NACIONALIDADE . . . . .	83
<i>A plenitude da natureza . . . . .</i>	90
<i>A autenticidade da língua . . . . .</i>	130
<i>A reconstrução do passado . . . . .</i>	178
<i>Dos heróis – um perfil biográfico . . . . .</i>	179
<i>Dos costumes – a conduta exemplar . . . . .</i>	206
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS . . . . .	239
6. BIBLIOGRAFIA . . . . .	245

**A**PRESENTAÇÃO  
NARRAR E DISCUTIR – OS ROMANCES  
INDIANISTAS DE JOSÉ DE ALENCAR

*Márcia Abreu*

Quando José de Alencar começou a escrever, o gênero romanesco era ainda recente na produção brasileira. Ele carecia de legitimidade e tinha sido objeto de relativamente pouca reflexão crítica. Talvez por isso, a especulação teórica e a discussão crítica adentraram seus livros, em prefácios, posfácios e notas que conviviam com suas narrativas ficcionais.

Mirhiane Mendes de Abreu propõe uma sutil análise destes paratextos apensos por Alencar a seus romances indianistas, apresentando as polêmicas que ali se travam e os parâmetros pelos quais se orienta a atividade crítica desenvolvida pelo autor. O trabalho destaca a relevância das notas de rodapé, procedimento empregado por Alencar desde *O Guarani* (de 1857), intensificado em *Iracema* (1865), para atingir seu ponto mais alto em *Ubirajara* (1874), obra em que elas têm tanto ou mais destaque do que as aventuras dos indígenas. Este crescendo não se verifica apenas em termos de quantidade, mas no adensamento e entrelaçamento das notas, que passam a abarcar não somente o romance a que se referem, mas também os anteriores, criando um intrigante diálogo intertextual.

A seleção destes três romances não é casual, já que a maior incidência de notas está justamente no núcleo de narrativas indígenas, tendo menor

destaque nas demais obras do autor. É, portanto, oportuno e bem vindo o livro *Ao pé da página – a dupla narrativa em José de Alencar*, em que se faz uma fina análise das notas e de sua relação com a narrativa, desvelando seus múltiplos papéis nos três romances.

Do ponto de vista interno à narrativa, as notas agem no sentido de conferir veracidade a determinados personagens e a certos pontos do enredo, por meio da citação de relatos sobre o passado colonial, de documentos históricos e de registros historiográficos convocados para o rodapé. Com o objetivo de fornecer credibilidade aos romances, Alencar cita fartamente estes textos, recortando-os segundo seu interesse e refutando-os quando estavam em contradição com o enredo, com a atuação das personagens ou com suas concepções sobre a cultura indígena.

Do ponto de vista dos debates letrados que animaram o século XIX, as notas têm múltipla função. Ao lado dos prefácios e posfácios, elas atuam no sentido de construir e difundir o nacionalismo literário, apresentando argumentos e dados com o objetivo de revisar o passado colonial, afirmar a distinção entre a língua falada no Brasil e em Portugal e erigir a natureza e os índios como símbolos da nova nação. Nesse sentido, as notas participam das polêmicas eruditas, em que se discutiam quais seriam os temas e as formas mais adequados para a criação de uma literatura brasileira. Afeito às polêmicas, Alencar espalhou-as por jornais, cartas, advertências, prefácios, posfácios e – com não menor intensidade – notas de rodapé. Conforme observa a autora, as notas são espaço de resposta à crítica coetânea, que acusava os romances indígenas alencarinos de falta de compromisso com a observação da realidade e condenavam seu afastamento da língua escrita em Portugal.

Além de refutar os argumentos de seus adversários, Alencar utilizou o espaço das notas para citar autores de destaque no cenário da época, dando mostras de sua erudição e inserindo seus romances numa linhagem nobre.

Argutamente, Mirhiane Mendes de Abreu observa um processo de concentração dos debates letrados no pé da página, na passagem de *O Guarani* para *Iracema* e deste para *Ubirajara*, o que conduz a uma depuração do enredo das digressões literárias, históricas e filosóficas.

A autora sugere, com perspicácia, que a organização do texto em dois níveis permite entrever um duplo interesse de Alencar: conquistar e convencer os leitores, na ânsia de dirigir e controlar as leituras e interpretações.

Essa forma de estruturação do texto permite observar, ainda, a preocupação de Alencar com diferentes públicos: para os leitores em geral, destinava o corpo da página, onde havia entretenimento e emoções a mancha; para os letrados, reservava o rodapé, onde polemizava e refletia teoricamente sobre os limites e potencialidades da nascente literatura nacional. Nada que impedisse, entretanto, que os críticos se divertissem com o enredo e o público amplo tomasse parte nos grandes debates da época.

Centrando sua atenção no jogo estabelecido entre o texto e as notas, Mirhiane Mendes Abreu realiza uma nova – e instigante – leitura dos tão visitados romances indianistas de José de Alencar.